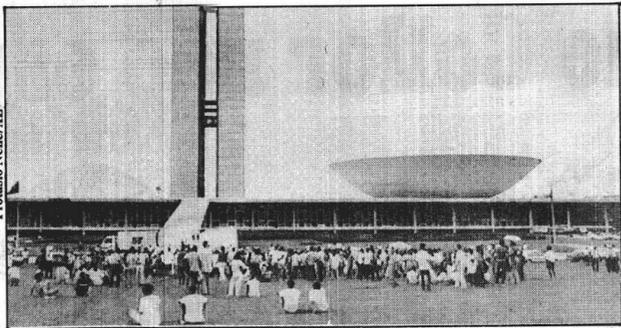


Tumulto e pancadaria no Congresso



Os lobistas eram muitos e poucas eram as senhas para as galerias. Todos queriam entrar, a segurança tentou impedir e tudo virou uma confusão.

A decisão do presidente do Congresso, Nelson Carneiro, de limitar em apenas 200 o número de pessoas com acesso às galerias resultou ontem pela manhã em grossa pancadaria. Representantes do Movimento de Mulheres do Brasil e seguranças da Câmara se envolveram duas vezes em tumultos, que terminaram em socos, pontapés e até em uma arma apontada por um dos seguranças da Casa. Durante todo o dia as mulheres e os seguranças ficaram trocando provocações. "A solução é tentar aumentar o número de senhas, senão vai continuar havendo confusão", pediu o segundo vice-presidente da Câmara, Wilson Campos, a Nelson Carneiro, no início da tarde.



Profúcio Nêze/AE



André Dussek/AE

Os grupos de pressão forçaram a entrada na Câmara. Como não havia senha para todos, começou uma confusão que resultou em grossa pancadaria.

O tumulto começou às 9h30. O Movimento de Mulheres já havia sido barrado no Congresso anteontem. Ontem as mulheres chegaram à entrada do Anexo II da Câmara e foram novamente barradas. Inconformadas, forçaram a passagem entre os seguranças e saíram correndo. Alguns seguranças passaram à frente e conseguiram fechar uma porta de vidro no final do corredor onde ficam as comissões permanentes da Câmara. Imprensadas pela porta, as mulheres forçaram a passagem até quebrar o vidro. A pancadaria começou. Quando a confusão já estava generalizada, a deputada Ana Maria Rattes (PSDB-RJ), que passava pelo local, tentou apartar a briga. A deputada buscou informações sobre o conflito com a vice-presidente do Movimento, Edna Costa. "A Casa é nossa, nós temos o direito de entrar", protestou Edna. "Tudo bem, mas vocês têm que entrar pela porta principal", ponderou a deputada. Conduzindo as mulheres, Ana Maria Rattes deu a volta no prédio e entrou pela porta principal do Congresso, deixando as mulheres no Salão Verde da Câmara. "Vocês podem ficar aqui, mas, por favor, evitem tumultos", implorou

Pontapés e bolsadas

"Um, dois, três, quatro, cinco mil. Ou pára o pacote ou paramos o Brasil" — começaram a cantar as mulheres, auxiliadas por membros do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo e da Central Geral dos Trabalhadores (o Movimento de Mulheres é ligada à CGT). Por volta do meio-dia, a confusão recomeçou. Quatro mulheres saíram do Salão Verde para ir ao banheiro. Na hora em que pretendiam voltar, foram novamente impedidas pelos seguranças. Os pontapés e bolsadas recomeçaram. De acordo com a versão das mulheres, um segurança puxou o revólver, mas foi dominado pelo metalúrgico Aloísio Pereira Leal. Edna Costa não teve dúvidas: enquanto Leal segurava o homem, ela baixava com vontade sua bolsa na cabeça do segurança.

"Nós não agredimos ninguém, nós é que fomos agredidos", defendeu-se o chefe da segurança, Fernando Paulutti. Ele negou que algum segurança tenha puxado alguma arma. Depois da confusão, o deputado Wilson Campos foi procurar o senador Nelson Carneiro para elevar o número de pessoas nas galerias para 400. "O senhor é o responsável pelas sessões, mas as sessões ocorrem no plenário da Câmara e eu tenho que zelar pelo patrimônio dessa casa", disse Campos. Carneiro não deu resposta.

"Casa de tolerância"

No início da tarde, as mulheres acabaram cruzando nos corredores com o presidente da Câmara, Paes de Andrade. Por seu intermédio, conseguiram uma audiência com o senador Nelson Carneiro. O presidente do Congresso negou com veemência a ampliação do ingresso às galerias. "Eu tenho que zelar pela segurança dos parlamentares", explicou. Mais tarde, Carneiro eximiu-se de qualquer responsabilidade pela confusão. "O que ocorre no corredor da Câmara é problema da Câmara", desculpou-se.

Pouco preocupado em saber de quem era o problema, o deputado Amaral Netto (PDS-RJ) avisou no plenário que se não fosse tomada alguma providência iria passar a andar armado no Congresso. "Isto aqui não é mais a Casa do povo. Virou casa de tolerância", esbravejou. "Eu não tenho mais idade para me proteger com os meus punhos. Se não me garantem a segurança, vou trazer um revólver para esta casa." E acrescentou: "Isto aqui é tão fácil de entrar que se eu fosse um terrorista e quisesse jogar uma bomba aqui dentro não sobrava nem o presidente do Congresso para contar a história".

Rudolfo Lago/AE